

Q UASI sempre eu estou de acôrdo com Voltaire. E é o que se dá agora. De certa feita, ele escreveu a um amigo uma carta de varias folhas, e no fim da mesma pedia desculpas pela sua prolixidade. Alegava que não tivera tempo para resumí-la. Isto que á primeira vista parece paradoxal é a pura verdade. Quem duvidar que se ponha na minha situação! Pedem-me um artigo sobre a civilização brasileira dentro de medidas rigorosas. E' o Brasil em pilulas. E' o Brasil num sapato chinês. E' tentar meter um gigante no colete de um anão. Ha de sobrar muita coisa. Quasi tudo ficará de fóra. Por baixo, e por cima faltará muito por cobrir. Talvez nem possa se fechar o colete. E o pior é que aqui não acontece como naquele conto de corpête vermelho. E' o seguinte: para uma certa moça ser dada em casamento, o pai exigiu que o pretendente lhe abotoasse o corpête, na frente de toda a familia. Até ali sómente o pai conseguira exito em tal façanha. Foi marcado o dia imediato. O pretendente venceu. Sem saber que a ama da sua noiva passára a noite inteira alargando o corpête... Aqui o caso é outro. Não importa. Alguma porção ficará coberta. Se não toda a civilização brasileira, pelo menos uma linha geral será oferecida. E' o que esperamos. Agora, vamos ao colete...

Civilização é cultura+tecnica. E' dominio da natureza, é vontade de poder. Se na cultura o homem se acomoda á natureza; na civilização ele procura submetê-la ao seu dominio. A civilização realiza a cultura. Transforma-a pela tecnica. Toda cultura quando trabalhada pela tecnica passa a ser civilização. Em tudo isso a tecnica representa o papel principal. Ela é o unico instrumento civilizador. E a natureza só começa a interessar ao sociologo quando incorporada á tecnica. Não é possível, pois, um conceito de civilização sem o conceito concomitante de forma de produção e de instrumento de trabalho. De relação economica, enfim. Cada cultura e tecnica determinadas cor- responde uma determinada civilização. Mas mam-se os valores vitais e culturais de toda sociedade. Tem-se a civilização.

Apresentarei sómente um esboço geral das épocas do Brasil em cinco épocas economicas: 1.º — a era pré-colonial, ou do páu-brasil; 2.º — a civilização do assucar; 3.º — a civilização do couro (creação de gado); 4.º — a civilização das minas; 5.º — a civilização do café.

Estes ciclos do Brasil economico não se sucedem cronologicamente, num rigorismo genetico. Não são periodos individualizados historicamente. Pelo contrário, ás vezes coexistem e se interpenetram. Mas sempre, em dado momento, um deles prevalece sobre os outros. Se não no tempo, pelo menos em região. Podem ser deferenciados pela civilização que condicionam. Cada uma dessas épocas economicas contribúe com caractéres propios e peculiares para a formação material, espiritual e moral do Brasil.

Na época do páu-brasil — que chega quasi a encher o nosso primeiro seculo de colonização — sobresáe-se o tipo **aventureiro** dos que aportavam aqui. Ainda não era possível o tipo do homem **trabalhador**, perseverante e produtivo. Em vez da perseverança, coragem. Em vez de construção, destruição. O colono ainda não se fixava á terra. Vivia de aventuras (no sentido economico) e da busca das melhores matas. Porque a metropole exigia sómente madeira de lei. Bôa madeira. O resto que fosse queimado ou jogado ao mar. Foi uma época de delapidación e esbanjamento. Portugal ainda vivia a sua fase parasitária da pré-colonização. Lê-se em todos os cronistas da época a importancia que o páu-brasil representava para aquela gente.

Da época economica do páu-brasil, devastado das matas, os colonos plantavam a cana. Principalmente no Nordeste. E da terra gorda e fertil do massapê brotavam os melhores canaviais que já se houvera visto. Esta é a época mais importante da historia economica do Brasil; porque aqui está toda a formação do Brasil. Foi o periodo de maior incremento da monocultura e da escravidão. Foi a época de maior fixação do senhor á terra. Junto com o assucar estavam sempre as culturas do fumo e da maconha. Culturas ancilares. Nesta época o predomínio

1 - história do Brasil
autores estão reunidos em dividir

politico do Brasil pertencia ao Nordeste. Lá se encontrava o celeiro economico do Brasil. Não foi á tóa que os holandezes o preferiram ao resto do paiz...

Depois do assucar veio a civilização do couro. Deslorava-se o eixo economico para o S. Francisco. "Estavam inçadas de gado as duas bandas do rio em seu curso inferior", diz Capistrano de Abreu. Era um tipo de organização antagonica ao da cana de assucar. Baseava-se quasi que exclusivamente na pècuaria. Esta época se, por um lado, não apresenta o luxo e o gráu de civilização da cultura da cana; por outro, não apresenta tambem a escravidão cruel e deshumana do Nordeste.

O quinto e ultimo periodo é o da lavoura do café. Veio substituir a cultura do assucar. Tomou-lhe o primeiro lugar. Aqui todo o interesse economico-politico passa para o sul. Veio para S. Paulo. Voltou-se novamente á monocultura. A proteção escandalosa dos governantes pela lavoura do café repetia o exclusivismo do assucar. Prevalece aqui o tipo do **farmer** americano. O do senhor que já vai á cidade. Não vive sómente no seu engenho, como na civilização da cana de assucar. Vai á cidade buscar viveres e fazer politica. Seus filhos são funcionarios publicos. As mesmas causas que arruinaram a cultura da cana, começaram a destruir tambem a do café. Assistimos ao seu crepusculo.

Em todas essas fases sente-se o predominio agrario no Brasil. E' esta a sua característica mais forte. Em toda a historia do Brasil colonial o campo prima sobre a cidade. O senhor mora no engenho, no campo. Desconhece a cidade. Abandona-a. Só com a abolição da escravatura, com o emprego da nova tecnica surgida no seculo XIX, é que a civilização brasileira co-



Garimpos em Diamantina

E' mais nomade e ascetica. Aproxima mais o senhor do escravo. Diminúe as distancias sociais. Se não tem casa-grande, também não tem senzála.

No periodo das minas volta a predominar o tipo do **aventureiro** do primeiro periodo. O do páu-brasil. E' o periodo menos diferenciado na historia do Brasil. Foi curto e intenso. Não chegou a moldar uma civilização duradoura, como o periodo da cana de assucar. Por certo o mais decisivo na formação do Brasil.



meça a se deslocar do meio agrario para o urbano. E' o tipo do **farmer**. Já não representa o exclusivismo agrario do senhor de engenho. Já possui uma casa na cidade. E' um conciliador. E' uma ponte entre a cidade e o campo. A grande massa dos libertos vai para os centros urbanos. Ha uma grande procura de operarios para as industrias nascentes. O Brasil começava a entrar no ritmo cosmopolita do capitalismo. E com ele, iniciava outra civilização. A das cidades. A dos capitais. A industrial e bancaria.

Em substituição á lavoura do café — que está decadente — surge a do algodão. Planta-se algodão no Norte, no Centro, no Sul, em toda parte. Por entre os canaviais e os cafesais repontam as cabeças brancas dos algodoeiros. De longe, o Japão, já as avistou. Por entre elas já passearam os seus enviados economicos. O que é bom e máu ao mesmo tempo. E' bom, porque só assim temos a certeza que já existe algodão brasileiro. Aquela gente não viria aqui para passear... E' mal, porque onde eles se metem é só para fins de lucro e, portanto, prejudiciais, ao Brasil...

Conclúe-se daí a enorme importancia que representam para o Brasil a civilização da cana de assucar e a do café. A do escravo e a da monocultura. Foram as duas os principais centros da escravidão. As que mais resistiram á sua libertação. Depois do ciclo da cana de assucar o Brasil já estava formado. Já possuía características proprias. Foi no Nordeste que mais se fortaleceram os traços economicos, politicos, intelectuais e raciais, que haveriam de nos diferenciar das outras nações sul-americanas.

Hoje, depois do fracasso da borracha e do café, todos se voltam para o algodão. E enquanto não permitirem ao Sr. Monteiro Lobato descobrir petroleo, poderemos fazer côro com os que gritam: **o Brasil é essencialmente agricola...**